

Carta do Gestor / junho 2024

Internacional

Para os mercados brasileiros, o mês de junho teve muitas semelhanças com o mês de maio. Enquanto no exterior, os ativos de risco tiveram bom desempenho, por conta da menor preocupação com a inflação norte-americana. As bolsas subiram e os juros caíram. No Brasil, o comportamento foi o inverso, com destaque para a alta do dólar, embalada por ruídos em nossa política interna.

Em relação à zona do Euro, a agência Eurostat divulgou que a inflação do consumidor diminuiu de 2,60% anualizada em maio, para 2,50% anualizada em junho, com leve ajuda dos preços dos alimentos. Já a última taxa de desemprego divulgada em maio, permaneceu em 6,40%, o nível mais baixo já registrado na região como um todo.

Nos EUA, foram criadas 206 mil novas vagas de trabalho não rural, novamente acima das expectativas, enquanto a taxa de desemprego subiu de 4,00% em maio, para 4,10% em junho. Por seu turno, a taxa de inflação do consumidor desacelerou mais que o esperado, indo de 3,30% anualizada em maio, para 3,00% no último mês. O que não evitou que o banco central americano, o FED, em sua reunião em meados do mês de junho e pela sétima vez consecutiva, mantivesse inalterada a taxa de juros no intervalo entre 5,25% e 5,50% a.a.

Na China, a inflação continua não representando um problema ao recuar de 0,30% anualizada em maio, para 0,20% anualizada em junho, com os preços dos alimentos recuando pelo décimo segundo mês consecutivo. Já o setor imobiliário apresentou nova piora em importantes indicadores.

No mercado de renda fixa, as taxas de juros dos títulos de dez anos do governo alemão, que iniciaram junho em 2,59% a.a., encerraram o mês em 2,49% a.a., já os juros dos títulos de 10 anos do tesouro norte-americano, que no início do mês rendiam 4,40% a.a., recuaram para 4,34% a.a. no final. Quanto a bolsa norte-americana, medida através do índice S&P 500, a valorização em junho foi de 3,47%, acumulando alta de 14,48% no ano.

Brasil

Conforme o IBGE, a inflação do consumidor em junho, medida através do IPCA subiu 0,21%, ficando abaixo do esperado. A maior contribuição na alta foi a dos preços dos alimentos. No ano a inflação acumulada foi de 2,48% e a de 12 meses atingiu 4,23%. Quanto ao mercado de trabalho, a taxa de desemprego no trimestre findo em maio, recuou para 7,10%, nível dos mais baixos da série histórica dos dados. O número de desempregados foi de cerca de 7,80 milhões de pessoas.

Em sua reunião em meados de junho, o Comitê de Política Monetária – COPOM do Banco Central, manteve, por unanimidade, inalterada a taxa Selic em 10,50% a.a. A decisão interrompeu um ciclo de queda da taxa que começou em agosto de 2023 e era esperada pelo mercado

No setor externo, a balança comercial do país teve em junho superávit de US\$ 6,70 bilhões, acumulando em 2024 um resultado positivo de US\$ 42,30 bilhões. O dólar, por sua vez, apresentou valorização de 6,05% perante o real no mês, acumulando uma valorização de 16,05% em doze meses.

Quanto ao mercado de ações, o índice Ibovespa avançou 1,48% em junho, passando a acumular queda de 7,66% no ano. O fluxo de capital estrangeiro para a B3 foi novamente negativo elevando o saldo acumulado no ano para menos R\$ 39,00 bilhões.

Em relação ao mercado de crédito, de acordo com o documento Estatísticas Monetárias e de Crédito, divulgado mensalmente pelo Banco Central do Brasil, o saldo das operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional – SFN, alcançou R\$ 6,00 trilhões em maio, com expansão de 0,70% em relação ao mês anterior. Houve avanço de 0,40% no saldo das operações de crédito com pessoas jurídicas, que totalizaram R\$ 2,30 trilhões e de 0,90% no das operações com pessoas físicas que somou R\$ 3,70 trilhões. Em doze meses, o saldo total de crédito do SFN cresceu 9,20%, ante 9,00% nos doze meses até abril. Por segmento, o crédito das empresas avançou 6,60% em doze meses até maio e o destinado às famílias 6,10%.

Perspectivas Cenário Macro

Assim como aconteceu em junho, o assunto política deve também afetar o comportamento dos mercados, no Brasil e no exterior. O atentado ao candidato Donald Trump, já em meados de julho, trouxe ainda maior visibilidade ao processo eleitoral norte-americano e aumentou, a princípio, a chance da sua eleição. No campo da economia o foco seguirá no acompanhamento do comportamento dos preços nas economias desenvolvidas, sobretudo os da energia e dos alimentos e sua influência nas decisões dos bancos centrais.

No Brasil, o corte de R\$ 25,90 bilhões em despesas obrigatórias, anunciado pelo governo já no início de julho, foi bem recebido pelos investidores, economistas e analistas financeiros e acabou trazendo alívio para os que acreditavam na possibilidade de alta da taxa Selic por conta da questão fiscal. Entretanto, não basta o anúncio. É preciso que se cumpra o dito, já que o fiscal continua sendo a maior preocupação dos economistas e analistas, no momento. Outro lado da questão fiscal a ser acompanhado mais de perto é a evolução no Senado da reforma tributária, já aprovada na Câmara dos Deputados, de maneira que a responsabilidade e justiça fiscal sempre permeiem o texto legal.